

# A guerra surda do Umbandismo

Texto: Manoel Barbosa

O avanço dos cultos afro-brasileiros no Recife está criando distorções que, embora ainda não tenham vindo a público, dividem cada vez mais as diversas correntes. Atritos e insatisfações entre ortodoxos, ou puristas, e inovadores — ou progressistas — estão surgindo em função da popularização desses cultos e na conseqüente disputa pelos novos crentes. No meio, os charlatões de sempre, que procuram capitalizar para si as perplexidades e os anseios da massa que está confundindo xangô com umbanda e baixo espiritismo, pai-de-santo com milagreiro, charlatões com semideuses.

Saindo, afinal, da semiclandestinidade e deixando de ser uma crença característica de incultos, no Recife os cultos afro-brasileiros — xangô, candomblé e umbanda — e suas divindades já disputam em todas as faixas de idade e classes sociais uma larga parcela de adeptos. E justamente por ter crescido desordenadamente, esses cultos têm assumido as formas mais diferentes e algumas chegam a ser improvisadas por mistificadores, que esquecem o panteão de xangô e se elegem a si próprios como o centro da crença. E, assim, tornam-se senhores de muitas almas nos subúrbios recifenses.

O principal descaminho dos cultos afro-brasileiros nasceu com a popularização da umbanda. No Brasil, esta tem mais de 100 anos e foi uma "nacionalização", por parte dos negros brasileiros descendentes de africanos, dos cultos iorubas. Foi também uma maneira, como mostram os pesquisadores clássicos, de tornar mais tolerável para a sociedade brasileira a absorção das crenças afro-brasileiras. O sincretismo religioso tornou mais fácil ainda essa absorção, porque passou por uma espécie de ramo da Igreja católica, desde que, no princípio, o xangô e o candomblé não eram admitidos legalmente no Brasil, então sob forte influência do catolicismo.

Aos poucos, os cultos afro-brasileiros penetraram e foram aceitos sem maiores resistências pelas diversas classes sociais, através da umbanda. Mas as tradições do xangô e do candomblé, com seus antigos deuses iorubas, nunca foram esquecidas e continuam sendo preserva-

das pelos terreiros mais ortodoxos. Os seus segredos e rituais são transmitidos através das gerações, assim como os seus costumes e lendas.

— Os deuses de xangô de certa forma, são como os deuses do Olimpo grego. Eles têm uma conotação antropomórfica. Isto é: são movidos por sentimentos pessoais e, portanto, são deuses pessoais e não forças uniformes, como o Deus-Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Princípio de tudo — diz o livro "História das Religiões".

As pesquisas de um Valdemar Valente, por exemplo, situam perfeitamente o real posicionamento dos terreiros que mantêm as legítimas tradições de xangô, sendo muito citado o de Mãe Menininha. Valente realizou observações pessoais nos terreiros e distinguiu perfeitamente a seriedade e o empenho com que, em muitos, são mantidas as regras antigas de xangô, notadas e sem qualquer adaptação.

Além de Valente,

muitos outros pesquisadores têm trabalhos sérios mostrando a diferença entre os legítimos terreiros de xangô e os centros que se vulgarizam. O psiquiatra Geraldo Marques teve oportunidade de observar alguns aspectos desses centros, inclusive Mãe Menininha que, embora com largo prestígio num reduzido grupo de pessoas da alta sociedade do Recife, por muito tempo, nunca chegou a ter o nome veiculado pela imprensa, ao contrário de Pai Edu e Zé da Bola, por exemplo.

O interesse pelos terreiros de xangô não é de agora, embora só há pouco tempo tenham eles se popularizado, até mesmo por conta da atitude de certos artistas, que não negam as suas inclinações. Mas a diferença era que a procura se fazia com muita reserva. Em locais como o do centro de Zé da Bola — como nota um dos adeptos do espiritismo aqui no Recife, Josué Ferreira do Nascimento, ligado ao centro "Caminhos da Luz" —, "sempre foi muita gente importante procurar conselhos e orientação".

— E ainda procura — completa.

Quanto a Pai Edu, é bastante conhecida a sua figura. Mas o que a opinião pública não sabe é da força das legítimas mãos-de-santo e pais-de-santo que mantêm as tradições e não se afastaram da ortodoxia ioruba, não se deixando fascinar pelo sincretismo da umbanda.

— Esses — diz Josué — são muito mais discretos, solenes, ponderados. E sabem das medidas das coisas. Nunca fizeram questão de propaganda. Pelo contrário: evitam, de

todo modo, que suas atividades cheguem ao conhecimento dos jornais. E muitos trabalham no Recife há dezenas de anos, sem que nunca seus nomes jamais tenham sido publicados.

E justamente esse grupo, não tão reduzido como possa parecer, que vê com muita insatisfação o lado "pitoresco" das bifurcações dos cultos afro-brasileiros no Recife.

## UM SHOW?

Josué diz ter escutado, em reuniões mais reservadas, condenações peremptórias aos que fazem da umbanda um "show".

— As seitas têm uma série de rituais que devem ser seguidos fielmente. De toda cerimônia é exigido o máximo de respeito e fidelidade à tradição. O ambiente, o estado d'alma da pessoa, o merecimento a evolução espiritual, a indicação dos orixás. Nós não somos donos de nós mesmos, não é verdade? Por isso, os mais legítimos praticamente do xangô não admitem essa publicidade, esse vedetismo.

Mas, ninguém fala publicamente. O "cisma" se processa através de um silêncio e de uma indiferença olímpica. Apenas nas reuniões mais reservadas, nos comentários sem a presença de estranhos, são feitas as observações.

O anonimato ou, pelo menos, o respeito aos princípios de certos rituais, são elementos inquestionáveis para os "puristas". Eles acham que não podem ser perdidos todos os vínculos com os princípios dos cultos iorubas que foram trazidos para o Brasil pelos primeiros negros escravos. E é um ponto perfeita-

mente aceito, entre os puristas, que tais princípios são absolutamente intocáveis.

## OS CHARLATÕES

Entre os puristas e os que procuram utilizar os cultos afro-brasileiros para promoção pessoal, há os charlatões os que iludem a si próprios e aos outros. Os estudiosos e pesquisadores não incluem essa classe em seus trabalhos, mas os puristas acham que eles representam um grande perigo. Josué, que recolheu alguns depoimentos, assim traduz essa preocupação:

— Os charlatões são os responsáveis por todas as deturpações que os cultos afro-brasileiros têm sofrido no Recife. São eles que realizam toques fora do dia, procuram perturbar o sossego público, aceitam tóxicos e bebidas, desencaminham menores, extorquem dinheiro de velhas ou doentes desesperados. Enfim, são os responsáveis por uma certa má fama que ainda tem o culto afro-brasileiro. Esses charlatões praticam, muitas vezes, o que se chama de baixo espiritismo, que é,

na realidade, uma forma deturpada de magia negra. Pois a magia negra é a atração dos fluidos maléficos, a tentativa de utilizar as forças negativas. Isso é exatamente a magia negra e é isso o que tentam fazer os charlatões.

Ele conta casos desses homens — ou mulheres — que dominam a vida das pessoas mais humildes mas têm algum dinheiro.

— E como se fossem demônios ou hipnotizadores. Às vezes provocam a divisão de famílias, separam marido e mulher, arrancam as filhas dos

lares. Enfim, são perversos. As Delegacias de Polícia estão repletas de inquiridos em que estão envolvidos indivíduos dessa natureza. Geralmente são portadores de doenças mentais e se deixam dominar pelo delírio, fazendo mal a si e aos outros. Na minha opinião, devia haver maior rigor no controle desses terreiros e centros. Mas, não da parte da Polícia e sim dos responsáveis pelos cultos.

Os estudiosos, de fato, vêm aí uma grande anomalia, pois até agora toda a regulamentação dos terreiros de xangô e de centros espíritas é feita pela Polícia.

— Isso não ocorre em nenhuma outra religião. Quem sabe se um padre tem ou não condição de ficar numa paróquia é o bispo, não é delegado de Polícia, não é verdade? — pergunta Josué, em sua maneira característica.

Ele, como outros observadores, não prevêem qualquer choque mais sério, para futuro próximo, entre as diversas correntes que se estão enfrentando, por enquanto de maneira ainda algo amistosa. Mas, nem tanto amistosa. Segundo Josué, nas grandes manifestações de fim de ano ainda não se conseguiu reunir no Recife todos os terreiros porque as Federações estão sempre divididas. Nunca há um consenso para o comando geral e único de todas as correntes dos cultos afro-brasileiros no Recife.

— E não é só aqui é em todo o País. Sempre há uma divisão básica entre a umbanda e o xangô, entre os puristas e os inovadores. Por isso, esse culto ainda não cresceu mais no Brasil.

Liderança se faz assim.

**DIÁRIO DE PERNAMBUCO**

Sempre o **1º**

**O** carnaval de rua do Recife, neste ano, só despertou, no centro da cidade, às 12h30m do domingo, no Pátio do Terço, quando o porta-estandarte da escola de samba Saberé começou a rodar com seu bem talhado vestido e a retinir os saltos altos do seu sapato no calçamento, nos primeiros toques do samba, enquanto pedia, aflito, para sua namorada, na calçada, que ela fosse em casa buscar os seus seios, o único componente que estava faltando para sua completa caracterização de mulher. Na pressa de pegar a saída da escola, o porta-estandarte, um rapaz de 20 anos, um típico macho nordestino, pelo que parecia, esquecerera os seios de sua fantasia de travesti.

Isso não impediu que o samba comandado pelo convidado especial de Saberé, o mestre Lavanca, ritmado pelo vigor dos surdos, despertasse o Pátio do Terço de sua letargia, justamente ali, o berço dos maiores carnavalescos do Recife e por onde estavam espalhadas várias faixas com as palavras de ordem de Badia, a guru-mór de um carnaval que não mais existe. Badia, nas faixas, pedia participação.

Singelos, heróicos e inúteis pedidos. O próprio Pátio do Terço, pátria dos mais legítimos e tradicionais foliões de Pernambuco, nunca despertara tão tarde num domingo de carnaval. E mesmo assim esse despertar deveu-se ao esforço de um grupo de rapazes que, através de gerações, vem mantendo a tradição do bairro: a turma de Saberé. Por ironia, o samba como o último reduto do que resta de espontaneidade no carnaval de Pernambuco.

toram expulsas, pelo progresso, dos bairros de Santo Antonio, São José e da Boa Vista.

Por isso o carnaval do centro da cidade, que seria para o turista ver, só despertou tarde. E, mesmo assim, graças aos rapazes de Saberé.

#### O DESPERTAR

As pessoas que zanzavam sem destino certo pelo centro da cidade, no domingo pela manhã, paravam no Pátio do Terço, atraídas por um grupo de rapazes em isolitos traies

## UM DOMINGO TRISTE

À 10 horas da manhã do primeiro dia de carnaval, o centro do Recife apresentava um aspecto deserto e triste. Alguns carros esporádicos na Avenida Conde da Boa Vista. Na Avenida Guararapes, a mesma coisa. Na pracinha, algumas figuras solitárias e alguma movimentação por conta dos terminais dos ônibus, que não sofreram qualquer modificação. No pátio de São Pedro, não havia uma só pessoa, além de três soldados do policiamento e o pessoal que trabalhava no serviço de alto-falantes. Isso já quase 11 horas. Fazia um sol forte, quente. As Avenidas Dantas Barreto e Nossa Senhora do Carmo estavam vazias, triste e silenciosas. Muito raramente alguma figura com uma roupa colorida.

No centro da cidade, no domingo pela manhã, primeiro dia de carnaval, geralmente de muita vibração, a melancolia era maior, neste chamado reinado da folia de 81, porque não havia, sequer, aquela banulheira improvisada de grupos de crianças que impreviavam troças e saem em busca de alguns trocados de porta em porta. Isso continua ocorrendo nos subúrbios. Em todos os subúrbios: na Torre, em Sitio Novo, na Iputinga. No domingo pela manhã, desde cedo, eram vistos esses grupos de pequenos foliões com latas de doce vazias fazendo as vezes de tamborins, latas de banha como se fosse taróis, máscaras toscas, de porta em porta. A fixação desses grupos de meninos, além do espírito de carnaval que ainda julgam existir, é a de solicitar "auxílio financeiro". Dizem que é para "o clube". Uns conduzem bonecos de pano e alegam, em tom espirituoso, que é para ajudar "esse pobrezinho". Quando recebem uma negativa, saem em coro, alto, gritando: "É pirangueiro! É pirangueiro!"

Nas ruas centrais não há, pelo menos, esse colorido, mesmo desmaiado e infantil. Quase não há mais residências. Os grandes foliões ou estão mortos, não têm seguidores ou suas famílias

de escocês. As 11 horas, o grupo era pequeno, defronte da igreja: uns seis batuqueiros, três surdos, dois taróis. Mas já dava para perceber que o som era bom, pelo repicar dos instrumentos. Outros "escoceses" chegavam em grupos e alguns circulavam com copos na mão. Na porta da igreja, abrigando-se do sol, duas senhoras — sem ligar para um montículo de moedas que algum devoto, certamente embriagado, deixara para o santo numa reentrância da porta do templo — comentavam que "Saberé só ia ficar formada lá para 1 hora". Mas pareciam dispostas a ficar. Uma conduzia um instrumento de sopro: seu marido toca numa orquestra de frevo.

Defronte do esqueleto do prédio onde foi o cinema "Ideal" foi colocada a alegoria de Saberé. Um dos rapazes descobriu que a peça principal estava colocada errada e foi tratar de consertá-la. O esquentado da bateria estava engrossando. De um lado e do outro da rua ia surgindo mais gente.

Perto das 12 horas, o sol castigando o calçamento sujo e esquentando a roupa dos escoceses, eis que surge ao lado da igreja, pronto para irromper no pátio e desfilar diante da "comissão", o "Boi Teimoso" de Água Fria. Na frente, a figura do "Boi", dando saltos incríveis, numa coreografia absurda, quase irreal para o ambiente. As outras esqueléticas e mal trajadas figuras do "Boi" também pareciam saídas de um quadro velho de um pintor surrealista em crise depressiva. Lá da "Comissão", o locutor ordena que o "Boi Teimoso" de Água Fria avance. O fantástico grupo avança. A folia velha, na porta da igreja, comenta:

— Já levei um coice de "Boi" desse...

"Boi Teimoso" cruza com seus andrajos com o grupo de Saberé e o contraste é chocante: o próprio retrato do carnaval pernambucano, do momento.

### ANIVERSÁRIO DO MESTRE

Mas o "Boi" passa, surge no pátio o mestre Lavanca: gordo, a barriga

lagnima no canto do rosto e foi fagueiro, como um maestro inteiramente à vontade diante de sua orquestra para frente da bateria, comandando-a com freqüentes e seguidos apitos.

Tamborins e surdos começaram uma zuadeira infernal. Num momento, a um gesto de Lavanca, tudo parou. Zé Nego, o outro mestre, estava à frente dos surdos.

De repente, da marquise do velho "Ideal", um fogueteiro soltou uma rajada de foguetões. Quando os fogos acabaram de explodir, todo o batuque de "Saberé" entrou com força descumunal e todo o Pátio do Terço despertou, afinal, da tórrida sonolência. De um lado, surgiu uma figura trajada de mulher, toda de azul, bem maquiada, sapatos bem altos e a bandeira no porta-estandarte. Saltou para o asfalto, à frente das alas e começou a sambar com a maior desenvoltura. Num momento, passou as mãos no tórax e, espantado gritou para uma jovem:

— Nega, vai buscar meus peitos!

Ele foi. Mas Saberé já estava em movimento. Passava das 13 horas do domingo. Afinal, o centro do Recife começava a ver carnaval.

Por coincidência, quase naquela mesma hora — 20 minutos depois — o frevo respondia, de maneira tímida. "Camisa Velha" irrompia na Pracinha do Diário, surgida da Rua Nova, de onde começou a surgir uma agremiação atrás da outra depois das 13 horas.

A cidade estava desperta. Mas não era um despertar rigoroso. Era um despertar estremunhado, quase forçado. Gente humilde tentando fazer seu próprio carnaval em algumas agremiações pobres. Figuras típicas isoladas que, através dos anos, tentam manter a tradição num esforço muito pessoal.

Os poucos espectadores não sabiam si situar. Ora caminhavam sem direção pela Guararapes, ora pela Rua Nova ora pelo Pátio de São Pedro, ora pelo Pátio do Terço. O núcleo onde sempre havia gente era na Pracinha, a tradição de muitos anos que não poderia ser desfeita.



*Em muitos momentos, era impossível andar no centro, quanto mais pular*



*A chegada de Sabaré aumentou a animação dos foliões que aguardavam, pulando, a tradicional agremiação*

**A**s escolas de samba de primeira categoria tomaram conta da noite de segunda-feira, do Carnaval do Recife, a maioria delas fazendo apresentações deslumbrantes no asfalto da Avenida Conde da Boa Vista, arrebatando aplausos incessantes do público que ali se postou logo cedo, indo até as quatro horas da manhã. Pelo que se viu anteontem o Carnaval pernambucano teve um progresso espantoso no que se refere àquela categoria de agremiação, passando a ser coisa do passado a hegemonia, quase sem concorrência, que duas delas — Gigantes e Estudantes — mantinham.

Pelo que se viu anteontem agora são pelo menos cinco as grandes do Carnaval pernambucano: Império do Samba, Estudantes de São José, Galeria do Ritmo, Limonil e Gigantes do Samba, sem deixar de se destacar também Labariri Império do Asfalto e Samarina.

Destaques especiais merecem, entre outras, a escola de samba Galeria do Ritmo, que fez uma apresentação sensacional, com um samba-enredo contagiante, cantado por todos os presentes, com numeroso grupo de figurantes, nada ficando a dever às concorrentes, além de Estudantes, Gigantes, Limonil — que também não ficaram atrás, tendo desfilado brilhantemente, obtendo altos índices de pontos em todos os itens, destacando-se bateria, fantasias, e samba-enredo.

#### LABARIRI

A primeira agremiação a se apresentar diante do palanque da Conde da Boa Vista, a Escola de Samba Labariri fez uma apresentação regular, ressaltando-se o fato de, por ser a primeira a desfilar, ter encontrado um público ainda frio, que lhe dispensou poucos aplausos. Apresentando como tema-enredo "Tudo é Carnaval", com carros alegóricos, exibiu uma bateria razoável.

sendo a quinta a se apresentar, ostentando uma bateria muito boa, tendo como enredo "O lago da Imortalidade", carros alegóricos relativos ao tema, principalmente peixes, e monstros marinhos. Entre os destaques o jornalista Valdi Coutinho, ressaltando-se sobretudo a beleza dos carros alegóricos.

#### GALERIA

Uma apresentação sensacional e arrebatadora no que se relaciona ao público presente foi a da sexta escola a se apresentar, Galeria do Ritmo. Tendo como tema "Viagem aos templos de Manoa", seu samba-enredo contagiou a assistência, que, deslumbrada, não parava de sambar, cantar e aplaudir. Sua excepcional bateria era também uma das causas para tanto entusiasmo. Carros alegóricos belíssimos, grande número de figurantes, coordenação, causaram admiração a todos.

#### LIMONIL

Além da boa apresentação, a Escola de Samba Limonil des-

tema-enredo "Tudo é Carnaval", com carros alegóricos, exibiu uma bateria razoável.

#### IMPÉRIO DO ASFALTO

Império do Asfalto estreante na categoria foi a segunda a se apresentar, com tema-enredo "Samba na Lua, é uma visão de Futuro", também com bateria regular, explorou motivos inspirados no satélite terrestre. Faltam-lhe ainda a segurança e desembaraço que só a continuidade haverá de lhe dar.

#### SAMARINA

A terceira escola a desfilar foi Samarina. Com o tema-enredo "Samarina e o Sol da Liberdade", contribuiu muito para aumentar o entusiasmo dos espectadores, apresentando carros alegóricos com temas relativos à escravidão, destacando-se um em que figurava o abolicionista Joaquim Nabuco, além de homenagens a Castro Alves, Pedro II, Eusébio de Queiroz e outros que pugnaram pela libertação dos escravos. Bateria muito boa, que praticamente obrigou a todos os presentes a cair no samba.

#### IMPÉRIO DO SAMBA

Quarta escola a entrar na avenida, Império do Samba, foi também a primeira que verdadeiramente sacudiu os espectadores, fazendo com que todos ficassem tomados de entusiasmo com a sua apresentação. Fez uma bela apresentação, sob o tema-enredo "Um cântico à natureza", e tendo como destaque especial um carro alegórico conduzindo Múcio Catão, caracterizado como o padre José de Anchieta, fantasia por ele usada no Bal Masqué.

#### ESTUDANTES

A grande e tradicional Escola de Samba Estudantes de São José surgiu na Avenida a 1h20m,

#### LIMONIL

Além da boa apresentação, a Escola de Samba Limonil destacou-se também pelo fato de ter prestado uma homenagem póstuma ao jornalista Francisco Almeida (Piauí), fazendo observar um minuto de silêncio em memória daquele profissional de Imprensa falecido tragicamente em fins do ano passado. Seu enredo foi "Louvação aos orixás", muito original, e que mereceu aplausos entusiásticos dos espectadores, destacando-se os carros alegóricos, dentre eles o que conduzia uma bela jovem representando Iemanjá e um guerreiro romano.

#### GIGANTES

Última escola a desfilar, Gigantes do Samba fez jus à fama de que é precedida no Carnaval pernambucano. Apresentando o enredo "O sonho dourado do jangadeiro", explorado com inteligência e originalidade, apresentando alegorias em que se destacavam jangadas e jangadeiros. Sua excepcional bateria esteve à altura da exibição da grande escola alvi-verde.

Exatamente às quatro horas da manhã de terça-feira encerrou-se o grande desfile das escolas de samba de primeira categoria recifenses, percebendo-se entre a grande multidão que acorreu à Avenida Conde da Boa Vista a opinião unânime de que o sacrifício de quase dez horas de espera nas calçadas daquela importante artéria recifense valera apenas. Exemplo disso é o fato de que ninguém, durante todo aquele período arrependeu o pé do local. Muito pelo contrário, à medida em que o tempo passava, mais se avolumava o número de foliões adeptos do samba e que postavam ao longo da passagem das agremiações.

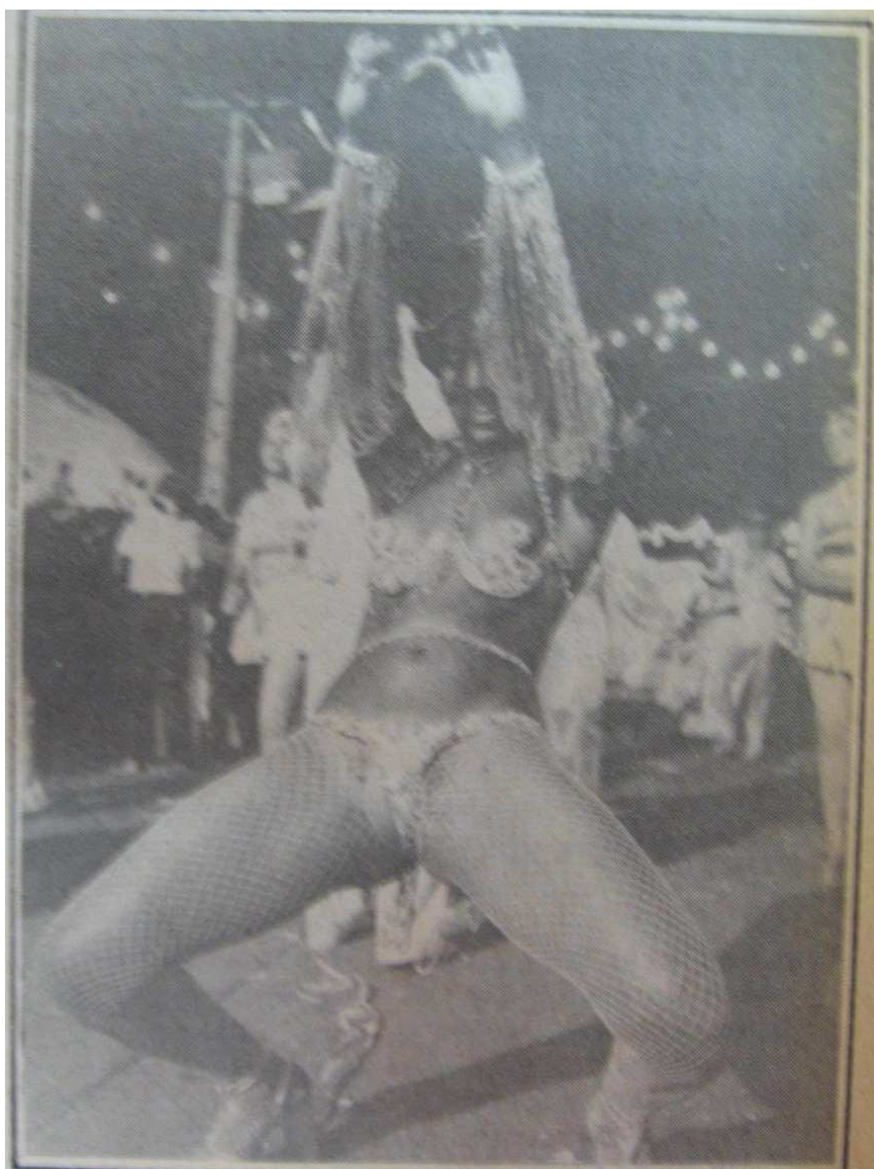


*Neste ano, os deficientes não se fizeram de rogados*

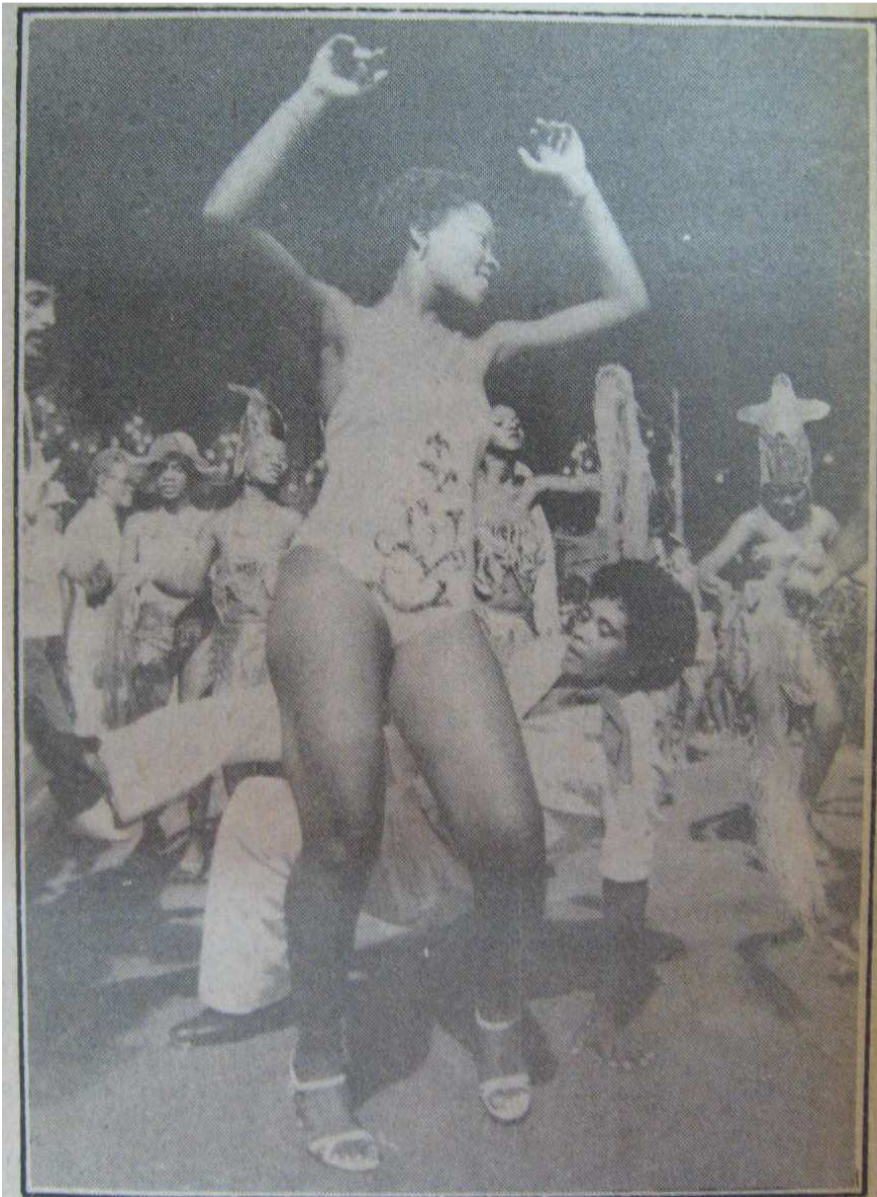


*Galeria do Ritmo foi a surpresa, obtendo o primeiro lugar com um samba-enredo contagiante*





*Império do Samba sacudiu poeira com sua ginga*



*Gigantes fez jus à sua fama nas passarelas*

## *Maracatus rivalizam com índios e samba*

A grande desvantagem para os clubes de segunda categoria, maracatus e caboclinhos, que desfilaram na segunda-feira à noite, foi o fato de terem como concorrentes, em desfile que se realizou na Avenida Conde da Boa Vista, nada menos que as escolas de samba de primeira categoria, que levaram para aquelea artéria a maioria dos foliões que se deslocaram até o centro, na noite de anteontem.

Mesmo assim, aquelas agremiações foram vistas também por grande número de pessoas, atraídas não só por Papagaio Falador, Toureiros, Pão da Tarde, Leão Coroado, Canindés,

e outros, como também pela apresentação dos blocos olindenses Pitombeira e Elefante, que desfilaram no Recife também na segunda-feira, no período noturno.

Assim é que, na Praça do Diário, Ruas Nova e Imperatriz e outras do Centro, apresentaram-se os clubes de segunda categoria Papagaio Falador, Prato Misterioso, Amantes das Flores, Toureiros de Santo Antônio, O homem da Madrugada, Bola de Ouro e Pão da Tarde. Todos eles dentro das características que lhes asseguraram a colocação na segunda categoria, com trajes simples, alguns deles ostentando uma pobreza e humildade que

nada empanam o fervor carnavalesco, a alegria e o orgulho de que estavam possuídos os seus integrantes por verem finalmente efetivado o sonho de desfilarem, acalentado durante um ano inteiro.

### **MARACATUS**

As mais marcantes manifestações características do Carnaval pernambucano, os maracatus de primeira categoria, que desfilaram na segunda-feira à noite, não fugiram às suas costumeiras tradições de beleza folclórica e originalidade. Assim é que, Leão Coroado, Estrela Brilhante, Almirante do Forte, Cambinda Estrela e Porto Rico do Oriente

apresentaram belas vestimentas, destacando-se Leão Coroado, Indiano e Estrela Brilhante, de tradições no nosso Carnaval, muito embora os outros também tenham contribuído brilhantemente para a beleza folclórica do nosso Carnaval.

### **CABOCLINHOS**

Também outra bela manifestação folclórica do Carnaval pernambucano, os Caboclinhos estiveram dentro de suas características, tendo sempre os seus adeptos entre a população. Canindés de Camarajibe, Sete Flexas, Taperaguases, Carijós, Tabajaras e Tupis estiveram nas ruas centrais apresentando sua exóticas danças.

## Zeus, um show à parte na Escola Preto Velho

Nazareno Petrócio não desfilou desta vez e nem cuidou dos figurinos da Escola-de-Samba Preto Velho. "Desentendimentos" é a resposta mais abreviada para esta não participação. Mesmo assim, a escola saiu no domingo com 14 alas e 113 figurantes, 80 batuqueiros, dois cantores e a diretoria administrativa.

"O Reino Encantado dos Aztecas", de Jobiér-gio Carvalho, foi o tema, e samba enredo de autoria de Marcos Rey.

Preto Velho sabe fazer bom uso das cores. Predominam o verde e branco, o rosa e algumas incursões no dourado e prateado. Na rua, forma um bonito visual. A passagem das baianas, em rosa, foi algo de muito lúdico.

Em tudo isto, merece um destaque especial a porta-bandeira Zeus, altiva, magestosa e radiante em sua roupagem. O que ela tem de menos no requebro dos braços ou numa certa parte teso compensa com sua expressão majestosa e foliã, nos braços abertos e volteios graciosos.

### ENCONTRO

Uma prova de sua alegria está no encontro espetacular que teve com Margarida, a porta-bandeira de Oriente, que saiu no início da noite de segunda. Vinda de sua sede na Praça do Amaro Branco, a escola prestou uma homenagem demorada a Preto Velho, em frente a sua sede na Praça da Se.

No percurso até a Sé, os moradores do Amaro Branco paravam para ver e aplaudir a escola que traz um pouco da participação de cada um para o sucesso do des-

file. No Amaro Branco, a sede está aberta a todos os moradores e a participação é grande, em donativos, ou qualquer outro tipo de ajuda. A "filosofia" da escola é preservar o bairro como reduto tradicional do carnaval olindense.

Mais próximos da sede de Preto Velho, os figurantes sentaram-se nas calçadas enquanto a diretoria chamava os batuqueiros para a linha de frente. Se o público reclamava da pouca animação, havia um motivo: organizar a homenagem a outra escola.

Depois de alguns minutos, os batuqueiros se postaram em duas alas e começou a homenagem propriamente dita. Uma por uma, as alas se apresentaram e curvaram-se diante da sede de Preto Velho. Ai irrompe Zeus com a bandeira da escola, retribuindo a homenagem. Mesmo em traje comuns, deu seu recado: esperou pela chegada de Margarida, a porta-bandeira de "Oriente". Foi algo muito bonito: encontro das duas, com troca das bandeiras por instantes. Feita a homenagem, "Oriente" prosseguiu, levando como tema "Brasil Tropical" (Um detalhe: com tema parecido saiu Vassourinhas, que é clube).

Qualquer dúvida sobre uma possível provação no samba enredo a Preto Velho foi dissipada neste encontro. O samba de Oriente, composto por Eduardo Lobato é forte e foi puxado à raça por seus figurantes. A letra do samba começa assim: "Eu estava descansando/ Voltei para tirar o seu cartaz/ Vou fazer aqui o que você nunca faz/... Sambar só o samba assim..."

— Vou atalhar aquela troça, já está bem perto, essa não tem quem dê nela —, eram gritos ouvidos nos intervalos de um clube, troça, bloco de sujo, enfim dos grupos que desfilavam ou melhor traziam seus desfilantes para se misturarem com o povo, que invadia tudo, apesar dos apelos do locutor do palanque, “minha gente, deixem essa ou aquela agremiação evoluir”, mas qual o que, os clubes tinham de compartilhar o asfalto com o povo que não queria saber de outra coisa a não ser cair no passo e parar apenas para reabastecer o tanque. E haja pó, suor e.. cana.

Nas vizinhanças da Praça da Folia, apesar da proibição, o mela-mela foi intenso, porém inofensivo, como donas-de-casa, chefes de família, ao lado de um batalhão de moças, rapazes, crianças e até idosos, armados com latas, mangueiras e esguichos correndo atrás de conhecidos e desconhecidos que estivessem na folia para o tradicional banho, batismo da folia. O unguento, tinta, batom ou talco, depois um convite para uma caninha ou cerveja em casa ou no bar mais próximo.

As “procissões de caneiros”, alguns vindos de bairros distantes como Cavaleiro, Tijipió, Pacheco, os mais inibidos horas depois a percepção de

fense é diferente do pernambucano em geral, não é a continuidade da folia que indica a preferência, pois não estamos fazendo um carnaval para turista ver, mas contribuindo para o desenvolvimento da folia com participação. O passista lembrando sem querer o antigo capoeira, com suas evoluções, pois, se o frevo é dança coletiva, o passo é individual. Como música conta com ingrediente diversos: jornadas de pastoril, partes de quadrilha, alguns compassos de polca, outros de maxixe, ou de dobrado marcial. O passista é arbitrário e individualista, gosta de dançar sozinho, com figuras dignas de uma estilização coreográfica, alguns passos se tendo já estabilizado, como são o caso da “dobradiça”, parafuso, chá de barriguinha, saca-rolha. Mas em todo o Recife e Região Metropolitana não se encontram dois passista dançando igual, a regra é o livre-arbítrio, dependendo tudo da capacidade da massa, da estreiteza da rua, do calçamento.

Isso é a Praça do Trabalho, ou melhor, a Praça da Folia: clubes, troças, blocos arrastando pelas ruas as multidões de passistas, executando uma coreografia quase acrobática, enquanto os instrumentos metálicos de sopro estridulam as marchas vibrantes, ou as vozes femininas acaloram os

bairros: Avenida Boa Viagem.

Aqui, e ali, alguns foliões escampavam à severa vigilância da PMPE e SSP quanto à produção de mela-mela, e haja batom, tinta, água. Muitos pareciam locomotivas, furavam o papelão dos tubos de talco à altura do fundo e sopravam, fazendo sair uma grossa nuvem branca na cabeça dos foliões como que a recordar a poeira dos antigos carnavais. O maior salão de frevo e maracatu do mundo, com banheiro e limpeza permanente, ar sempre renovado, a Av. Boa Viagem mostrou o que de melhor o Recife tem, sem ordem de desfile, desfilar por desfilar, sem preocupação com julgamento, as agremiações se revezando com a Banda de Pau e Corda e uma orquestra na animação da folia. As pausas, quando havia, eram para os banhos de mar, reabastecimento do tanque, e esfriamento do carburador; depois, a volta ao salão e a entrega total à dona da festa, a folia.

Além dos desfiles de agremiações, apresentações da Banda de Pau e Corda e da orquestra auxiliar que atacavam na base de Lourenço Barbosa, o Capiba, ao quartel general do frevo e maracatu de Boa Viagem compareceram o Rei Momo e a Rainha do Carnaval.

E a poeira (não do chão que é asfalto, mas a

inibicos. Algumas horas depois, não se podia perceber quem era quem, alguns mais espertos escondiam-se no momento da troca de "bateristas" e faziam pé firme para não ceder a vez de reabastecer com "bardal" (como denominam a cachaça) e eram punidos: Olha, você agora vai tocar de bico seco (sem beber) por meia hora, mas o penitente arrepentia-se, fazia promessas caía (fingia) desfalecer para ser reabastecido e era logo reanimado com uma "meiota" de cachaça numa garrafa de refrigerante, para ninguém notar, pois, como eles mesmos afirmam "batida é negócio de boy, agora tem de ser um remédio mais forte e haja cana pura (na maioria das vezes não tão pura, mas misturada com álcool e água, ingredientes próprios para uma boa cirrose) mas estômago de folião é como o de bode ou jumento, nada faz mal.

E haja briga: no pé, no batuque, nas evoluções na harmonia, pela conquista do aplauso popular da preferência no passo. Foram programados concursos de passo, com o patrocínio de estabelecimentos comerciais locais, foliões de todas as idades pulando à vontade, muitas mães de família com os filhinhos, faces coradas pelo sol, suor escorrendo, blusinha toda molhada, muito batom e tinta além do talco, sandalinhas todas empoeiradas, mesmo assim não estava cansada, quando a mãe queria parar ela a arrastava pelo braço.

E o cortejo prosseguia listas de leite, de óleo ou outras quaisquer serviam para o batuque infantil. Num palco improvisado na carroceria duma camionete C-10, um palhaço gesticula, faz graça, tenta arrancar e consegue o riso das pessoas que aglomeram em volta, curiosos. Uma La Ursula procura o guia, sumido à procura de uma lapadinha (no fim é uma meiota, uma garrafa ou várias). O folião reci-

estruíam as marchas vibrantes, ou as vozes femininas acalentam as melodias dos frevos-canções, frevo passo, frevo de rua. Mas não é só, os maracatus negros, com seus batuques ritmados, reis, rainhas,aios, pagens, os pálios. Os instrumentos de percussão, as melopéias cantadas tristes, tudo desfilar em bizarros préstimos invadidos pela população.

Os que não caíam no passo assistiram às demonstrações e evoluções, principalmente das meninhas que significavam para marmanjo nenhum botar defeito. Em substituição ao curso, aos escapes — livres, dezenas de bicicletas com uma borraça atravessando latas que produz ruído igual e mais intenso. Era uma questão de honra quem melava mais e a disputa acirrada; a única tristeza era a de que faltasse pouco tempo para tanta folia. Muitos em plena agitação lembravam que ainda restavam os bacalhaus na quarta-feira. É um jeito de estender mais um pouco a folia.

Os bairros da Zona Sul do Recife não esqueceram Lourenço Barbosa, o Capiba, homenageado neste ano pelo que tem feito e continua fazendo pelo carnaval pernambucano nestes 50 anos de composições carnavalescas, suas músicas foram tocadas intensamente nos serviços de som, casas de discos e pelas emissoras locais.

Boa Viagem, sob o comando da Banda de Pau e Corda, viu, aplaudiu e pulou com as agremiações disputando a preferência dos foliões que, movidos com muita batida (combustível que não faltou nem teve seu preço disparado nos quatro dias de folia, sem racionamento), aumentavam o calor do ambiente e foram poucos os que conseguiram manter-se nos seus apartamentos e não descer para dar uma puladinha no maior salão de frevo dos

ma do Carnaval.

E a poeira (não do chão, que é asfalto, mas a massa, como diz Raimundo Sodré) levantava. Grupos, fantasiados ou não, troças, blocos de sujo, onde a única exigência era vestir-se como mulher, e as autênticas, com tangas sumariíssimas, vindas de muitos bairros, uns vizinhos outros distantes, esquentavam o ambiente, dividindo as atenções: ouvidos nos ritmos, olhos nas tangas, procurando adivinhar-lhes o conteúdo, não muito impossível, era a pedida, o que foi estritamente obedecido, mas tudo num clima de ordem e animação com muito frevo, suor e batida.

As Katraias de Boa Viagem exibiram-se assanhadíssimas neste carnaval a concentração das "meninas" foi no domingo ao meio-dia em frente ao Edifício Transatlântico, na Av. Beira Mar de onde saíram percorrendo toda a Avenida Boa Viagem. No final do desfile foi conferido o troféu Katraia com destaque à Katraia mais "charmosa" do bloco. O grupo surgido há cinco anos de uma turma de rapazes da Zona Sul, deu um show à parte, entoando seu grito de guerra deste ano "As Katraias estão chegando/prá alegrar toda essa gente, pssiu:/ vejam como nós somos charmosas/ e porque não dizer gostosas?/ Ser donzela é coisa do passado/ e para nós não está com nada/ virgindade palavra tola/ mas nós gostamos mesmo é de.../ (apesar do duplo sentido a música-grito de guerra era cantada por todos, inclusive o finalzinho) as "meninas" iludiram muitos marmanjos metidos a conhecedores do belo sexo do sábado até a quarta-feira ninguém, povo e agremiações, comandadas pela banda de Pau e Corda, permitiu que a animação diminuisse, com muita água, pó, suor e... batida. A Banda do Limão e Birnaita Classe A completaram a animação.



*Nas pausas, os banhos de mar para curtir a cachaça e descansar as pernas*



*O povo cedia passagem para o desfile, após, caía no passo e no samba*



*Na ginga do samba, ela pontifica, suas evoluções embriagam qualquer um*



*Na Zona Norte, o folião não desiste, mesmo sem nenhuma ajuda oficial*



## Carnaval Zona Norte: reflexos da pobreza

O empobrecimento crescente da população recifense vem se refletindo claramente na limitação da euforia carnavalesca. Principalmente nos subúrbios, onde reside a população mais carente, as brincadeiras parecem evidenciar a dureza de dias difíceis. Enquanto os adultos embriagam-se e esperam a passagem de alguma troça ou batucada, as crianças divertem-se jogando água e talco nos transeuntes ou tamborilando em latas de cerveja, leite e goiabada.

Na maioria dos bairros da Zona Norte da cidade, nem mesmo os palanques, tradicionalmente, montados pela Prefeitura ou pelos políticos locais, foram postos à disposição da comunidade, que se viu obrigada a se deslocar até o centro, Praça do Trabalho em Boa Viagem, em busca de alguma diversão. Por outro lado, os blocos, troças e agremiações de menor porte, que não contam com os recursos fornecidos pelos órgãos oficiais para a confecção das fantasias e estandartes, enfrentaram toda a sorte de dificuldades para saírem às ruas. Muitos, no entanto, apesar da boa vontade, desistiram de animar o carnaval.

as brincadeiras", explica Gessé Mendes, integrante da federação.

Apesar de não ter conseguido arrecadar dinheiro suficiente para oferecer um carnaval semelhante ao do ano passado, a diretoria da entidade contou com a boa vontade das agremiações dos bairros adjacentes. Sem condições de montar um palanque de frevo, os foliões tiveram que se contentar com as batucadas que apareceram e com a presença das escolas de samba Alegria do Morro, Império do Asfalto, com a tribo Tapirapés, o maracatu Cambinda Brilhante e a Troça Carnavalesca Mista Ideal de Casa Amarela.

### RAPOSA

A folia do Córrego do Euclides ficou a cargo da animação de Adeildo Gomes Jesus, conhecido como Dada. É ele quem organiza as brincadeiras em todas as épocas do ano, inclusive no carnaval. Como diretor da Escola de Samba Bafo da Raposa superou as dificuldades financeiras e botou o povo na rua.

Vestidos de amarelo e preto, 350 figurantes alegraram não só o Córrego do Euclides, mas levaram sua orquestra até Olinda, Paulista e Abreu e Lima. "Mística Amazônica" foi o tema escolhido para o enredo.

para a confecção das fantasias e estandartes, enfrentaram toda a sorte de dificuldades para saírem às ruas. Muitos, no entanto, apesar da boa vontade, desistiram de animar o carnaval.

Os ursos eram os personagens mais comuns nos subúrbios. Exigindo pouco dinheiro para seus folguedos, apenas um velho saco de estopa, uma máscara e alguns instrumentos de percussão eles exibiam uma lata, provocando os foliões com suas cantorias: "A La Ursa quer dinheiro, quem não der é pirangueiro". No final, a verba arrecadada era revertida em cachaça, sofregamente consumida como forma de apagar as incertezas do cotidiano.

As fantasias, que durante muitos anos eram indispensáveis a qualquer folião, também foram abolidas, assim como os confetes e serpentinas. Nem mesmo as "almas" foram vistas no carnaval dos subúrbios.

### BOA VONTADE

No Alto Santa Isabel, os membros da Federação Carnavalesca local denunciavam, através de um microfone, a impossibilidade de manter vivo o carnaval: "Não é o carnaval que está morrendo, somos nós que estamos matando o carnaval. Enquanto existir um folião, existirá a esperança de manter a tradição. Foliões existem muitos, o que não há é dinheiro. A comunidade está cada vez mais pobre e, em virtude disso, não pode contribuir para

Vestidos de amarelo e preto, 350 figurantes alegraram não só o Córrego do Euclides, mas levaram sua orquestra até Olinda, Paulista e Abreu e Lima. "Mística Amazônica" foi o tema escolhido para o enredo.

Na Bomba do Hemetério, também não havia palanque, e o povo limitou suas brincadeiras à sede dos clubes e ao Centro Esportivo Bartolomeu. Durante o dia, no entanto, quase nenhum movimento podia ser visto nas ruas. Apenas a expectativa de se ver a escola desfilar e sair pulando atrás.

### PROMESSAS

No Morro da Conceição, o carnaval ficou a cargo da Urb, que atualmente realiza um trabalho na área. Um palanque foi montado frente à Igreja e algumas promoções foram realizadas, inclusive um concurso envolvendo as principais agremiações, onde as escolas de samba Galeria do Ritmo e Unidos do Dendê ganharam a melhor.

A noite, muita animação, frevo e música alegraram o pátio da Igreja, mas, durante o dia, o movimento mais forte eram as romarias de diretores, integrantes e grupos inteiros de agremiações de carnaval, que iam pedir à Virgem da Conceição proteção para o seu bloco ou escola. Inúmeras promessas foram feitas e grande quantidade de velas foram queimadas em agradecimento às graças concedidas.

## *Alegria do Morro agita Casa Amarela*

A Escola de Samba "Alegria do Morro", do Alto do Mandu em Casa Amarela, foi a segunda colocada no desfile das escolas de 2ª categoria e no ano que vem passa desfilará entre as escolas de primeira categoria.

A "Alegria do Morro" tem como presidente dona Dulce Domingues dos Santos, e este ano desfilou com 300 figurantes o que demonstra suas qualidades e a classificação por três anos consecutivos no Carnaval de Pernambuco.

Paulo Manoel dos Santos é o autor do samba enredo da Escola e garantiu o sucesso durante o desfile mantendo o ritmo cadenciado e vibrante dos componentes da Escola que surge como uma das melhores do Recife.

A Escola "Alegria do Morro" tem sua sede localizada na Rua do Sol, 46, Alto do Mandu, Casa Amarela e a cada ano que passa consegue reunir maior número de admiradores naquela localidade.

## Sapato Branco saiu ontem

A idéia era reunir os principais sambistas de todas escolas do Recife e fazer um bloco original, sem enredo, sem disciplina, com o nome de "Bloco do Sapato Branco". O local de concentração seria na Rua da Palma, no conhecido "ponto dos sambistas", ao lado do Hotel Guararapes.

Esta foi a idéia e ontem, quarta-feira de cinzas, às 14h25msaiu pelo centro da cidade pela primeira vez o "Bloco do Sapato Branco". Durante quase duas horas, eles fizeram o percurso, brincaram muito, satirizaram a Imprensa, a comissão julgadora, e ainda recolheram "uma grana" para o lanche depois.

José Pereira Neto, o "Neto" relações públicas da Escola de Samba Unidos do Comércio, campeão de 81 na terceira categoria, foi um dos mentores do "Bloco do Sapato Branco" e ele explicou à sua maneira: — "O homem que faz samba durante o carnaval está trabalhando, por isso a gen-

te resolveu brincar como a gente gosta na quarta-feira de cinzas".

Fátima, a sambista revelação das escolas de terceira categoria disse: — "Ele reuniu todas as escolas para não haver rivalidade, fora da avenida e assim foi feito".

O famoso ex-malabarista e atual cantor Boneco de Mola comentou a origem do nome do bloco: — "É o seguinte: o que identifica o sambista é o sapato. Quem chegar numa roda de samba com sapato preto é otário. O sambista prá valer calça branco".

Estavam presentes integrantes das escolas "Birinaite", "Limonil", "Verde e Rosa", "Viúvas de Santo Amaro", "Império do Ritmo", "Gigantes do Samba", "Galeria do Ritmo" e "Estudantes de São José". O próprio "Boporta-estandarte Jarbas Boemia, de Gigantes do Samba, o meste sala.

O "Bloco do Sapato Branco" chegou a aprontar um samba, com letra de Geraldo Costa de Estudantes de São José. A letra foi fartamente distribuída pela rua Nova, Imperatriz, Conde da Boa Vista e Guararapes. E diz assim:

- "Bloco do Sapato Branco/Na quarta-feira é que faz seu carnaval/Sai do Ponto dos Sambistas/com passista e ritmistas/compositores cantando samba legal. Leva eu moreninha com você/Me leva a rua da Palma/para os sambistas eu ver. Oooo Carnaval já terminou/Já é quarta-feira de cinzas/quem é sambista/na esquina do samba chegou".

Mas como a idéia era o improvisado durante todo o percurso este samba não foi cantado uma só vez. A percussão estava segura, Fátima ainda rebolou um bocado, mas poucos adeptos entraram no samba, porque era quarta-feira e o povo já estava pensando no feijão de amanhã.



*O carnaval também se prolongou no Recife com a improvisação do "Bloco do Sapato Branco", composto por sambistas que atuaram durante os dias de folia*

## Donzelos agitou a 2ª com “Ali e 40 ladrões”

O bloco Donzelos de São José foi o principal destaque do carnaval de rua na segunda-feira, quando saiu às ruas apresentando o tema “Ali Babá e os Quarenta Ladrões”, arrastando pelas ruas milhares de foliões que não se cansaram de cantar o samba enredo puxado por Jarbas Boemia, Hilton Oliveira, Belo X e Manoelzinho.

Com cerca de 200 componentes, os Donzelos fizeram uma sensacional apresentação, sendo durante todo o trajeto bastante elogiado pela beleza de suas fantasias e carros alegóricos, o entusiasmo dos desfilantes e pela harmonia da bateria coman-

dada pelos mestres Arlindo de Dona Biu, Valdomiro e Layanca.

### BELEZA

Mesmo sendo uma agremiação não participante dos concursos oficiais em que são apontados os “campeões” do carnaval, o bloco “Donzelos de São José”, formado apenas por homens moradores do bairro, se destaca pela beleza de suas apresentações.

Antes do início do desfile (15 horas na Rua da Concórdia), o presidente Paulo Germano Farias informou que “de maneira alguma o Donzelos participará de concursos oficiais em que itinerários e horários pre-determinados

têm que ser cumpridos, pois o nosso único objetivo é brincar à vontade, fazendo o verdadeiro carnaval-participação. Já temos recebido muitos convites de comissões organizadoras para apresentações, mas temos recusado a todos eles”.

O desfile começou na Rua da Concórdia, seguindo pela Rua Nova, onde houve um verdadeiro tumulto, pois a multidão invadiu os cordões cantando e sambando. Depois de passar na praça do DIÁRIO, o bloco vermelho e branco seguiu para o bairro de São José, sempre acompanhado por muita gente.

